

ENTRE FALAS SIMULTÂNEAS, TOMADAS DE TURNO E SOBREPOSIÇÃO DE VOZES: QUEM TEM A PALAVRA NO DEBATE?

BETWEEN SIMULTANEOUS TALKS, TAKING TURNS AND OVERLAPPING VOICES: WHO HAS THE WORD IN THE DEBATE?

Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho¹

Moab Duarte Acioli²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a organização dos turnos e das sequências conversacionais em um evento de fala real. Para tanto, nosso *corpus* consiste na transcrição de material empírico coletado em situação de fala decorrente de um debate televisivo. Partimos das discussões feitas por Mello (1987), Duranti (2000), Heritage (1999), Sacks, Shegloff e Jefferson (2003 [1974]), Guessier (2003) e Marcuschi (1986), no campo da Antropologia Linguística e da Análise da Conversação. Os resultados revelaram que a interação entre os falantes foi organizada e reorganizada segundo o tópico conversacional, por meio de falas simultâneas, tomadas de turno e sobreposição de vozes, tendo como princípio as sequências pergunta-resposta, asserção-réplica, réplica-tréplica, estas últimas ocorridas pela despreferência dos falantes ao que foi dito no tópico conversacional. Com isso, foi possível compreender que em uma situação de fala cujos participantes tenham opiniões divergentes sobre o tópico conversacional, os turnos de fala serão amplamente disputados, ficando com a palavra aquele que insistir em continuar no turno.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia Linguística; Análise da Conversação; Debate.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the organization of turns and conversational sequences in a real speech events. Therefore, our *corpus* consists of the transcription of empirical material collected in speech situation resulting from a television debate. We start from the discussions made by Mello (1987), Duranti (2000), Heritage (1999), Sacks, Shegloff and Jefferson (2003 [1974]), Guessier (2003) and Marcuschi (1986), in the field of Linguistics Anthropology and Conversation Analysis. The results revealed that the interaction between the speakers was organized and reorganized according to the conversational topic, through simultaneous speeches, turn making and overlapping voices based on the principle sequences question-answer and statement-reply, the latter occurring by dispreference of speakers to what was said in conversational topic. Thus, it was possible to understand that in a speech situation where participants have differing views on the conversational topic, the speech turns will be widely disputed among the participants, getting the word that who insists on continuing the turn.

KEYWORDS: Linguistics Anthropology; Conversation Analysis; Debate.

INTRODUÇÃO

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Recife/PE. E-mail: magdapcarvalho@hotmail.com

² Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Recife/PE. E-mail: mbacioli@uol.com

Partindo da compreensão de que a linguagem constitui elemento crucial na construção das ações sociais (GARCEZ; LODER, 2005), esta pesquisa tem como objetivo analisar a organização dos turnos e das seqüências conversacionais em um evento de fala real.

Diante desse propósito, adotamos como objeto de análise um debate televisivo exibido em abril de 2008 pelo programa *Conversas Cruzadas* da TVCom, de Porto Alegre/RS. Por se tratar de um evento em que dois dos quatro convidados, em determinados momentos do debate, não respeitaram os turnos de fala e passaram a competir pela posse da palavra, a questão que nos interroga é: o que leva os participantes a desrespeitarem os turnos de fala em um debate moderado?.

Nossa suposição é que o debate favorece a mútua tentativa de desqualificação da fala por meio de falas simultâneas, tomadas de turno e sobreposição de vozes, em virtude de que os debatedores por apresentarem posicionamentos ideológicos conflitantes devem defendê-los ou criticá-los.

A compreensão de que essa hipótese poderia ser confirmada por meio de um estudo de linguagem que compreendesse o significado dos eventos além do inferencial, fez-nos buscar na Antropologia Linguística, em especial na Análise da Conversação, resposta sobre quem, afinal, tem a palavra no debate.

1 Situando o trabalho na teoria

Segundo Laplantine (2003, p. 7), em todas as sociedades ao longo da história da humanidade sempre existiram homens que observavam homens, mas somente no final do século XVIII é que o projeto de fundar uma ciência do homem se constituiu como saber científico, em que o homem passaria “do estatuto de sujeito do conhecimento ao de objeto da ciência”.

No início do século XX, quando os métodos de investigação da Antropologia já haviam sido firmados, a observação do gradativo desaparecimento de seu objeto empírico acabou evidenciando a necessidade de uma abordagem epistemológica que proporcionasse o estudo do homem, inteiro, em todas as sociedades e em todas as épocas. Com isso, a abordagem dos estudos antropológicos passou a levar “em consideração as múltiplas dimensões do ser humano em sociedade” (*ibidem*, p. 9), o que implicou na articulação entre os diferentes campos de investigação dessa ciência, sendo os principais, consoante Laplantine (2003), a Antropologia Biológica, a Pré-histórica, a Linguística, a Psicológica e a Cultural. Para este trabalho interessa-nos, entretanto, a Antropologia Linguística, em razão de que essa possibilita a compreensão de como a língua atua nas relações do homem.

O antropólogo Luiz Gonzaga de Mello, na obra *Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas* (1987), explica que a linguagem é um processo simbólico, produto cultural e social, cuja origem não se pode precisar. No entanto, a partir dos estudos realizados pela Linguística, especialmente os conceitos formulados por Ferdinand de Saussure no Curso de Linguística Geral, tornou-se possível distinguir o que é social do que é individual na linguagem. Isso se deve à explicação de que a *língua* corresponde a um sistema de signos depositado involuntariamente nos cérebros dos indivíduos que a utilizam como meio de comunicação social, através de “um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 22) representado pela *fala*, permitindo ao autor conceber a língua como uma convenção social e a fala como um fenômeno mecânico, individual e psicofísico.

Dentro dessa perspectiva, Saussure (*ibidem*, p. 13) destaca que a “Linguística tem relações estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados”, como é o caso da Antropologia, de modo geral, cujos fatos culturais ou sociais tanto precisam de registros de linguagem quanto fornecem dados para o estudo e compreensão da evolução e mudança das línguas nas sociedades.

Considerando as relações estreitas entre a Linguística e outras ciências, Saussure adverte que ela, a Linguística, deve ser cuidadosamente distinguida da Etnografia e da Antropologia, porém a intimidade dessa ciência com os estudos antropológicos fez nascer um novo campo de pesquisa, a Antropologia Linguística, sobre o qual apresentamos, a seguir, alguns pontos que avaliamos relevantes.

1.1 Antropologia Linguística: perspectivas e método

De acordo com Duranti (2000), a Antropologia Linguística parte do princípio teórico de que a linguagem é uma ferramenta reflexiva por meio da qual tentamos encontrar o sentido de nossos pensamentos e ações. Nessa perspectiva, a linguagem é vista como um conjunto de práticas que desempenha papel essencial na mediação de aspectos materiais e ideacionais da existência humana.

A singularidade desse campo teórico reside, conforme Duranti (*idem*), em seu interesse pelos falantes como atores sociais e nas comunidades de fala como entidades em que a condição de interação depende da linguagem. Nessa direção, a Antropologia Linguística se apresenta como um campo de estudo interdisciplinar, visto que ao examinar a linguagem por meio da transmissão da cultura e das formas de organização social, ela assume um olhar antropológico e ao mesmo tempo linguístico. Contudo, ao compreender a linguagem como um instrumento social e a fala como uma prática cultural, a Antropologia Linguística ganha *status* de disciplina com identidade própria, mesmo tendo que recorrer a métodos pertencentes a outros campos, em especial à Antropologia e à Linguística.

Para Duranti (2000), o que distingue o antropólogo linguista de outro estudante da língua é sua visão da linguagem como um conjunto de estratégias simbólicas que formam parte do tecido social e da representação individual de mundos possíveis ou reais, interessando-lhe o que os falantes fazem com a linguagem.

No que se refere ao método, a Antropologia Linguística trabalha, conforme Duranti (2000), sobre uma base etnográfica, o que assinala que os estudiosos dessa área consideram os falantes como atores sociais, em virtude de que o método etnográfico permite observar, segundo Mateus (2015), os modos como a comunicação ocorre e se desenvolve nas mais diversas atividades sociais, desde a mais institucionalizada até a mais prosaica.

Nessa perspectiva, os antropólogos linguistas adotam métodos etnográficos para, consoante Duranti (2000), centrar-se nos distintos modos em que a comunicação linguística se integra como parte da cultura dos grupos que estudam. Diante disso, os métodos da etnografia tradicional, como a observação participante e o trabalho com falantes nativos, têm se mostrado como um valioso conjunto de técnicas para a Antropologia Linguística, visto que têm permitido aos estudiosos desse campo a análise empírica da prática comunicativa, a descrição do processo comunicativo e a compreensão de certos aspectos culturais de um determinado grupo.

De acordo com Duranti (2000), a linguagem é o indício importante de filiação a uma comunidade. Para ele, a variação de modelos linguísticos e a alternância frequente entre língua, dialetos e registros são indícios da existência de uma possível subdivisão interna dentro de uma mesma comunidade, por isso a observação participante é de fundamental importância para a compreensão da linguagem como processo simbólico fundador das sociedades.

No entanto, como nosso objeto de análise é a transcrição de um evento de fala decorrente de um debate televisivo, compreendemos que a Análise da Conversação, enquanto proposta que analisa a fala em situações cotidianas de interação, apresenta-se como teoria discursiva capaz de responder a nossa questão sobre a organização dos turnos e das sequências conversacionais no evento de fala em questão. Diante disso, julgamos importante trazer à baila algumas explicações sobre essa perspectiva.

1.2 Análise da Conversação: uma abordagem discursiva das interações verbais

A Análise da Conversação deriva, segundo Heritage (1999), da Etnometodologia, uma corrente da sociologia inaugurada a partir da publicação de *Studies in Ethnomethodology*, de Harold Garfinkel, em 1967, que sugeria a investigação da organização social por meio de um paradigma interpretativo.

Com isso, a Etnometodologia se apresenta como uma proposta de investigação que se preocupa em estudar as atividades práticas desenvolvidas pelos sujeitos cotidianamente. Nessa perspectiva, a linguagem é o instrumento por meio do qual os sujeitos interagem, sendo, portanto, imprescindível para os pesquisadores da Etnometodologia a sua compreensão.

Segundo Guessser (2003, p. 159), a linguagem que interessa aos etnometodólogos é a linguagem “do dia-a-dia, utilizada pelo cidadão comum, nas suas ações práticas do cotidiano”, pois para os etnometodólogos é a linguagem realizada pelos atores comuns que “fornece a chave para o entendimento dos sentidos das ações que as pessoas desenvolvem em suas práticas cotidianas” (GUESSER, 2003, p. 161). Nessa ordem, a Análise da Conversação se apresenta como um método que se propõe a analisar como os participantes organizam a interação.

De acordo com Heritage (1999, p. 368), a Análise da Conversação desenvolveu-se como um aspecto vigoroso e distinto da Etnometodologia, sendo a corrente que mais tem se ocupado com a análise direta da ação social, em que o pesquisador realiza, conforme Guessser (2003), uma análise detalhada a partir da fala dos sujeitos da pesquisa, podendo incluir sonoridade, ritmo, respirações audíveis e cronometragem.

O primeiro sociólogo a observar a conversação face a face foi Harvey Sacks, que, juntamente com Schegloff e Jefferson, conseguiu demonstrar que as conversas não ocorrem de maneira caótica ou desordenada, mas altamente organizadas, dado que na grande maioria dos casos, fala um sujeito de cada vez, podendo haver variação quanto ao número de participantes da conversa e, ainda, na ordem e no tamanho dos turnos (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003 [1974], p. 14).

Marcuschi (1986, p. 6) também concorda que a conversação “não é um fenômeno anárquico e aleatório, mas altamente organizado e [...] passível de ser estudado com rigor científico”. Para o autor (idem, p. 5), a conversação “desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real”, o que demanda a observação não só de aspectos linguísticos, como também paralinguísticos e socioculturais. Em vista dessa compreensão, Marcuschi apresenta, no livro *Análise da Conversação* (1986), explicações acerca da organização e interpretação da atividade comunicativa em situações reais de fala.

No que diz respeito à análise da organização elementar da conversação, Marcuschi (idem, p. 15), aponta como características constitutivas da interação verbal a interação entre pelo menos dois falantes; a ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; a presença de uma sequência de ações coordenadas; a execução numa identidade temporal; e o envolvimento numa ‘interação centrada’, essa última implica na atenção visual e cognitiva de dois ou mais interlocutores para a mesma tarefa. Seguindo a proposta de Steger, Marcuschi (1986, p. 16) lembra que a conversação consiste em diálogos assimétricos e simétricos. Nos diálogos assimétricos um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação, já nos simétricos os participantes têm o mesmo direito à palavra.

Para Marcuschi (1986, p. 17), toda conversação é sempre situada em alguma circunstância ou contexto em que os participantes estão engajados. Assim, para que os interlocutores participem da conversação, cada um deve ter seu turno de fala, ou seja, fala um participante de cada vez. Embora haja momentos em que dois ou mais participantes falam de uma só vez, fenômeno assinalado como “falas simultâneas” ou “sobreposição de vozes”, considerados pelo autor (idem, p. 23) “momentos cruciais na organização conversacional”, podendo levar o sistema a entrar em colapso.

Cabe ressaltar que na passagem de turno entre os interlocutores, silêncios, “hesitações, alongamentos, entonação descende, pausas realizadas pelo falante que possui o turno” (DIONÍSIO, 2012, p. 94) podem assinalar a “deixa” para a tomada de turno, ou nos termos de Dionísio, para o “assalto do turno”. É no contexto de assalto do turno que o interlocutor abandona o turno ou continua a comandar a interação, configurando falas simultâneas e/ou sobreposição de vozes.

Quanto à organização das sequências e dos tópicos conversacionais, Marcuschi (1986, p. 34) afirma que existem organizadores que exorbitam o âmbito do turno e se estendem ao nível da sequência. Assim, os turnos de fala alternam-se e organizam-se em pares adjacentes como pergunta-resposta, ordem-execução, convite-aceitação/recusa, cumprimento-cumprimento, xingamento-defesa/revide, acusação-defesa/justificativa, pedido de desculpa-perdão. Nessas sequências, o tópico discursivo poderá ser organizado segundo os objetivos dos interlocutores, em razão de que há “um movimento dinâmico da estrutura conversacional, fazendo com que o tópico seja um elemento fundamental na constituição do texto oral” (DIONÍSIO, 2012, p. 83).

É importante assinalar que a comunicação verbal, de acordo com Marcuschi (2008), só é possível por meio de algum gênero textual. Diante disso, com o intuito de analisar a organização dos turnos e das sequências conversacionais em um evento de fala real, elegemos o debate televisivo como material de nossa pesquisa. Isso porque, o debate por se tratar de um gênero textual³ oral que se constrói na interação comunicativa, a partir de argumentos e contra-argumentos de sujeitos com diferentes posicionamentos ideológicos, os debatedores devem respeitar o turno de fala de cada participante, o que permite, dessa forma, a observação dos aspectos envolvidos na conversação.

Diante do exposto, elegemos os pressupostos da Antropologia Linguística e da Análise da Conversação para analisar a fala de dois sujeitos que debatem sobre o quadro político-econômico brasileiro no ano de 2008.

2 Metodologia

Compreendendo que os dados que servem à Análise da Conversação procedem de material empírico coletado em situações reais de interação, o material de nossa análise consiste em um debate televisionado, disponibilizado para domínio público em um site da internet.

Diante disso, adotamos, com base em Marcuschi (1986), a transcrição de dados como procedimento de análise, em razão de que a transcrição, por meio de uma série de convenções e símbolos padrões, sinaliza informações que ocorreram durante a interação real como pausas, truncamentos, hesitações, ênfases, alongamentos de vogais, silabação, sobreposição de falas, dentre outras ocorrências.

Nesse sentido, este trabalho integra o quadro das pesquisas qualitativas, visto que nessa abordagem o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir, de acordo com Silveira e Córdova (2009), que seus preconceitos e crenças influenciem a pesquisa. Quanto à natureza, optamos pela pesquisa aplicada, que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35).

Pretendendo proporcionar maior familiaridade com a questão da organização e tomadas de turno na fala, elegemos, seguindo Gil (2008, p. 27), a pesquisa exploratória com levantamento bibliográfico.

³ Segundo Marcuschi (2008, p. 161), os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social. No entanto, é importante assinalar que não é nosso interesse, neste trabalho, analisar o debate na perspectiva da teoria dos gêneros, mas observar como a conversação entre os debatedores vai sendo organizada e reorganizada em cada tomada de turno.

3 Análise e discussão dos dados

Heritage (1999, p. 371) afirma que o objetivo central da análise da conversação é desvendar “os procedimentos e as expectativas pelos quais a interação é produzida e compreendida”. Nessa ordem, nosso *corpus* de análise consiste na transcrição⁴ de parte de um debate realizado pelo programa televisivo *Conversas Cruzadas*, da TVCom de Porto Alegre/RS, exibido em 07 de abril de 2008.

Para debater sobre o tema “O mercado é o mundo?” foram convidados um empresário, um economista e escritor, um advogado e político e um doutor em Ciências Atmosféricas.

Embora nossa pretensão neste trabalho não seja analisar o posicionamento político-ideológico dos debatedores, nem discutir sobre o debate enquanto gênero discursivo da oralidade, mas observar como os turnos de fala são organizados, compreendemos que para situar o leitor faz-se necessário lembrar que o cenário econômico brasileiro, na época do debate, vivia ainda os reflexos da pujança financeira estabelecida no país desde 2004, em razão de que no período de 2004 a 2008, de acordo com Lima e Deus (2013), o Produto Interno Bruto (PIB) havia aumentado expressivamente, houve diminuição da dívida externa e na taxa de desemprego, aumento das exportações de bens e serviços e aumento de 44,8% na taxa de investimento. Com base nesse cenário, os debatedores trataram sobre a globalização do mercado, especialmente sobre o crescimento da competitividade brasileira e a necessidade de formação de capital de poupança.

O programa tem aproximadamente 1h6min de duração, entretanto, para esta análise fizemos o recorte entre os minutos 00:15:32 e 00:17:43, quando o mediador passa a palavra ao economista e este é interrompido pelo advogado, que, desrespeitando a regra de espera pelo turno de fala, passa a travar uma espécie de embate pelo uso da palavra. Para preservar a identidade dos participantes, identificaremos o turno de cada um deles usando a letra inicial de sua formação acadêmica, assim a letra “E” indica a fala do economista e a letra “A” assinala a fala do advogado. Vejamos:

...

1	E: boa noite' (+) bo:m eu queria colocar algumas COIsas antes é:: primeiro (+) o crescimento
2	acredito eu qui: u u Maksoud tava falando também a nível sustenTÁvel' é uma opinião minha,
3	(+) i:: de FAto a gente acaba vendo MUITos vôos de galinha aqui' por falta de POUpança (+)
4	é:: u: po poupança no Brasil num tem/ num existe por um problema estrutura::l num vale a
5	pena falar TODas (+) as causas disso agora' mas na minha concepção a solução passa pela
6	redução de GASTo PÚBLico' qua::ndo o governo baixar GASTo, a:s pessoas vão poupar mais'
7	(+)
8	A: permite um a parte"
9	E: cla::ro
10	A: em qual ponto" (+) reduzir gasto também acho qui:: SEMpre é uma coisa que me soa
11	[musicalmente muito BEM
12	E: [constitucion/ [const
13	A: [em que lugar" ((fala gesticulando com as mãos))
14	E: com TRInta e SEis [ministérios (+)
15	A: [não,]
16	E: minisTÉrio da [PE::sca ((ri sarcasticamente))
17	A: [então" vamo extinguir todos (+) quanto se economiza" (+) num num faz
18	[sentido, ((gesticula com a cabeça negativamente))
19	[

⁴ A transcrição do *corpus* foi feita com base nos sinais de representação apresentados por Marcuschi, no livro *Análise da Conversação* (1986). Optamos pela transcrição do momento em que as tentativas de tomada da palavra são mais frequentes.

20	E: vamo parar de dá financiamento pra ongui, pro emi éssi tê, pro/ tem esPAço, TEM esPAço,
21	(+) tem esPAço((ri sarcasticamente))
22	A: [bom mas isso dá (+) isso dá bilhão”
23	E: DÁ (+) chega em bilhão che::ga, [[che::ga (+) che::ga
24	A: [[num chega num chega]]
25	E: reduzir o funcionalis::smo PÚ::blico/
26	A: então vamo pegar isso pra depois pra gente desdobrar [essa conversa
27	E: [depois a gente fala
28	A: reduzir o funcionalismo público em qual Área”
29	E: ah:: tem área,
30	A: em qual Área”
31	E: a::h tem á::rea (+) [tem inCHAço, tem inCHAço, tem inCHAço
32	A: [então vamo PROPOR eu sou campii::ção em demissão, de servidor
33	ocioso contratado por cartão de político fui prefeito de uma capital, governador de estado, e
34	FIZ (+) mas lá eu sabia o que tava fazendo e sabia quanto economizava e sabia qualera a
35	legitimidade, no BRASil (+) nós temo MUI::to me-nos funcionalismo público do que é
36	necessário (+) no MÍnimo’ (++)
37	E: cum trinta e seis por cento de arrecadação no/ de imposto sobre o [PIB
38	A: [pra serviço da
39	dívida’
40	E: não num é [verda::de
41	A: [é aí qui esTÁ
42	E: a divi//
43	A: o maior gasto brasileiro corrente em regime não inflacionário É (+) a Dívida, é:: são
44	os juros
45	E: a [dívida/
46	A: [é o financiamento do rentismo que faz a a folga [de setenta mil brasileiros
47	E: [isso num é mais (+) isso num é mais
48	a a a realidade atual/
49	A: não é”
50	E: cada vez [menos (+) cada vez menos
51	A: [vamos aos NÚmeros vamos aos NÚmeros, o PAC hoje é o maior
52	investimento dos últimos QUINze anos da união federal (+) deZOItos bilhões nos últimos
53	doze meses o Brasil pagou cento e sessenta e dois BI-lhões de reais de juros
54	E: si::m (+) os juros não veio do nada [é::
55	A: [não não
56	E: os juros eXIStem o governo GASTou e::h ((fala sorrindo))
57	A: gastou” [gastou”
58	E: [a agora e::u eu acho até temerário falar que não tem onde cortar GASTo num
59	governo desse tamanho e ineficiente desse jeito ah:: que todo mundo que precisa ir numa
60	repartição repartição pública tem ideia de como é [que são os serviços
	A: [eu sou aDEPto disso eu quero saber é
	aonde nós vamo achar um bilhão” (+) UM BI-lhão

Segundo Marcuschi (1986, p. 7), a organização da conversa “é reflexo de um processo subjacente, desenvolvido, percebido e utilizado pelos participantes da atividade comunicativa”. Nesse caso, considerando que a situação de fala transcrita se trata de um debate, é possível observar, inicialmente, características do diálogo assimétrico, em que o mediador tem o papel de orientar, dirigir e concluir a interação.

No recorte transcrito acima, quando o mediador concede o turno ao economista, este inicia sua fala cumprimentando os presentes. Como o tema proposto (O mercado é mundo?) era bastante amplo, pode-se inferir pelo excerto “bo::m eu queria colocar algumas COIsas antes é” (1E) que o convidado abordaria um tópico diferente do já tratado nas falas do empresário e do advogado (o primeiro sobre a impossibilidade de crescimento do mercado brasileiro por falta de capital de poupança e o segundo sobre o crescimento do PIB poupança havido naquele ano). No entanto, seguindo a coerência conversacional e a organização do tópico, o economista dá continuidade ao que foi tratado pelos convidados anteriores, reforçando o que foi dito sobre a necessidade de formação de capital de poupança e acrescentando que uma das soluções para a formação de poupança seria a redução de gasto público. Vale salientar que na época do debate o Brasil era governado por Luiz Inácio Lula da Silva (PT), um dos principais alvos do economista quando esse era articulista da coluna Economia, na Revista Veja.

No momento em que o economista faz uma pequena pausa (7E), o advogado, que era deputado federal da base governista solicita o turno (8A), ação que ainda não havia acontecido nas falas anteriores, do primeiro debatedor (o empresário) e na sua própria. Com isso, observa-se que a organização das sequências conversacionais entre o advogado e o economista se dá por meio do par adjacente pergunta-resposta, visto que o último responde afirmativamente “cla::ro” (9E).

A partir da concessão do turno, o debate ganha características de diálogo simétrico, em que os “participantes têm supostamente o mesmo direito à autoescolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre seu tempo” (MARCUSCHI, 1986, p. 16), sobretudo porque ao mesmo tempo em que o advogado dirige perguntas informativas ao economista, não lhe permite responder, ocorrendo falas simultâneas e, principalmente, sobreposição de vozes, que para Marcuschi (*ibidem*, p. 23) representam “momentos cruciais na organização conversacional”, podendo prejudicar a compreensão das falas.

De acordo com Marcuschi (1986, p. 20), as falas simultâneas ocorrem devido ao fato do falante corrente não escolher o próximo falante, permitindo que este tome a palavra e inicie o próximo turno. Nesse caso, o turno é realizado, desde seu início, por dois falantes ao mesmo tempo. Já na sobreposição de vozes, a fala ocorre durante o turno do outro, “nos casos em que o ouvinte concorda, discorda, endossa” (MARCUSCHI, 1986, p. 25) o que é dito pelo falante.

É interessante observar que durante a ocorrência da simultaneidade de falas e da sobreposição de vozes, os mecanismos reparadores de tomada de turno empregados entre os debatedores foram a parada prematura de um falante e os marcadores paralinguísticos, estes expressos por movimentos de mãos e de cabeça.

A primeira sobreposição de voz ocorre entre 11A, 12E e 13A, em que durante a fala do advogado (11A), o economista tenta recuperar seu turno (12E) produzindo uma unidade cortada (constitucion/ const), compreendida na transcrição como truncamento brusco.

Ao questionar em que lugar se poderia reduzir o gasto público, o advogado faz uma pergunta informativa ao economista, que por sua vez cita a quantidade de ministérios mantidos pelo Governo, pronunciando com ênfase o número existente (14E). No momento em que a palavra “ministérios” é pronunciada, ocorre uma sobreposição localizada (15A), em razão de discordância de opinião. Nos turnos 16E e 17A, 18A e 19E, 20E e 21A há outras ocorrências de sobreposição de vozes, sendo possível observar que, mesmo em uma situação de mútua tentativa de desqualificação da fala, os falantes estão orientados para a fala um do outro, já que essa tentativa de desqualificação ocorre justamente pela discordância com o que foi dito, evidenciada pela ocorrência da repetição “num num” (17A). Esse episódio nos encaminha para a afirmação de Sacks, Schegloff e Jefferson (2003, p. 14) de que as conversas não ocorrem de maneira caótica ou desordenada, mas altamente organizadas.

Em 21A, o advogado finaliza o turno com uma pergunta fechada (isso dá bilhão”), ao passo que o economista dá uma resposta afirmativa, repetindo com ênfase o verbo usado na pergunta

(22E). Com isso, ocorre o que Marcuschi (1986, p. 38) nomeou como forma ecóica na resposta breve e positiva.

Após uma pausa breve, o economista complementa sua resposta em 22E com a repetição do termo “chega” a fim de reforçar sua asserção. No final desse turno identifica-se outra ocorrência de sobreposição localizada, visto que enquanto o economista intensifica sua afirmação por meio de “che::ga, che::ga (+) che::ga”, o advogado intensifica sua discordância com a repetição de “num chega num chega” (23A).

No turno subsequente (24E), o economista cita a redução de funcionalismo público como uma das possibilidades para a limitação do gasto público, o advogado sugere no final do turno 25A que tratem desse tema posteriormente, indicando adiamento do tópico. O economista concorda (26E) por meio da sobreposição “depois a gente fala”, contudo, nos turnos 27A e 29A, o advogado retoma o tópico adiado questionando sobre qual área poderia haver a redução do funcionalismo público. Para responder a essa pergunta informativa, o economista diz no turno 28E que “tem área” e no turno 30E enfatiza o inchaço da máquina pública com a repetição “tem inCHAço, tem inCHAço, tem inCHAço”. Nesse momento, o advogado toma o turno (31A) e por meio de sobreposição de voz solicita que o economista aponte propostas para a redução do funcionalismo. O advogado continua o turno e justifica sua opinião sobre a impossibilidade de redução do funcionalismo relatando sua experiência de quando ocupou cargos executivos na política (32A a 35A). A ocorrência desse turno nos remete a afirmação de Sacks, Schegloff, Jefferson (2003, p.14) de que “o tamanho dos turnos não é fixo, mas variável”.

No final do turno 35A, quando o advogado afirma que o Brasil tem menos funcionalismo público do que necessita, o economista tenta desqualificar (36E) sua fala introduzindo um novo tópico, a arrecadação de imposto sobre o PIB, o que desencadeia uma sucessão de turnos marcados por sobreposição (36E e 37A, 38E e 39A, 43E e 44A, 44A e 45E, 48E e 49A, 52E e 53A, 55A e 56E, 58E e 59A), alongamento de vogais, ênfases, pausas breves e subidas rápidas de sílabas.

Discordando do economista, o advogado afirma que a arrecadação de imposto sobre o PIB é para serviço da dívida (37A) e o outro discorda (38E) com dupla negativa “não num é verda::de”. Em 41A, o advogado toma o turno para explicar que o maior gasto brasileiro são os juros. O economista tenta tomar o turno (43E), mas cede para o advogado (44A), que explica sobre a folga decorrente do rentismo para os brasileiros, mais uma vez o economista discorda (45 e 46E), repetindo a frase “isso num é mais”.

O advogado, no turno 47A, lança uma pergunta do tipo sim-não (MARCUSCHI, 1986, p. 37) para o economista e em seguida apresenta dados sobre os investimentos da União Federal e o montante pago em juros (49 a 51A). O economista, por sua vez, toma o turno (52E) na tentativa de falar sobre a origem dos juros e o advogado discorda (53A) com o que foi dito usando o advérbio “não” duas vezes. No turno 54E o economista enfatiza que os juros existem porque o Governo gastou, enquanto o advogado retoma o turno (55A) com uma pergunta fechada e repetida (gastou” gastou”). Nesse momento, o economista assume o turno e retoma o tópico sobre a redução de gasto público e o tamanho do governo que para ele se mostrava ineficiente pelos serviços prestados à população (56 a 58E), mais uma vez o advogado fala durante o turno do outro debatedor e em uma espécie de réplica solicita-lhe que diga onde é que se pode achar um bilhão, pronunciando com ênfase e silabando as últimas palavras: “UM BI-lhão” (59 e 60A).

Diante dessa descrição, é possível observar que os participantes por terem posições político-ideológicas divergentes tentam, por meio dos mecanismos da interação verbal, desqualificar a fala do outro, na tentativa de aparentar que detém o conhecimento e o melhor argumento sobre o tópico tratado, respondendo, dessa forma, nossa questão sobre o que leva os participantes a desrespeitarem os turnos de fala em um debate moderado.

Observamos que os pares conversacionais foram organizados por meio de perguntas, respostas, asserções, réplicas e, algumas vezes, tréplicas construídas, principalmente, por sobreposição de vozes, o que nos leva a compreender, pelo processo co-inferencial, a ocorrência

de disputa de poder na fala em uma espécie de saber contraposto à ignorância, do maniqueísmo “o bem contra o mal” ou do posicionamento político-ideológico de esquerda e direita.

Embora o *corpus* analisado não tenha apresentado, com regularidade, as técnicas⁵ básicas do mecanismo de troca de turno sugeridas por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]) e apresentadas por Marcuschi (1986) foi possível confirmar que “a conversação não se funda exclusivamente na produção individual de cada falante, mas na produção conjunta” (MARCUSCHI, 1986, p. 84).

Nessa ordem, a ocorrência de falas simultâneas e sobreposição de vozes no recorte transcrito desvelaram que em uma situação de fala em que os participantes não tenham o mesmo ponto de vista sobre determinados tópicos, a múltipla autoescolha será uma constante e nessa ação a palavra será daquele que insistir em permanecer no turno, ratificando que a linguagem é um dos meios de regulação de poder nas interações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurando compreender como os turnos e as sequências conversacionais são organizadas pelos falantes durante um debate, buscamos através da transcrição de um recorte da conversação entre dois personagens brasileiros, conhecidos nos cenários político-econômico e midiático por seus posicionamentos político-ideológicos, analisar a “posse da palavra” quando os turnos são marcados por falas simultâneas, tomadas de turno e sobreposição de vozes.

Observamos que, mesmo diante da disputa de posse pela palavra, a sequência do tópico conversacional foi construída por meio de pares adjacentes como pergunta-resposta, asserção-réplica, réplica-tréplica, revelando que a sequência conversacional se dá de forma coerente, uma vez que os falantes levaram em consideração o que tinha sido falado anteriormente. É interessante ressaltar que durante as tentativas de tomada de turno, os participantes do debate não fizeram uso de nenhum tipo de marcador metalinguístico, o que é comum em conversas espontâneas, mas se valeram de parada prematura em favor da fala do outro e de marcadores paralinguísticos, sinalizados por movimentos de mãos e de cabeça.

Outro aspecto relevante que observamos foi a tentativa mútua de desqualificação da fala, evidenciado, especialmente, pela discordância dos fatos expostos nas asserções, réplicas e tréplicas. Com isso, os participantes deixaram transparecer suas convicções político-ideológicas, uma vez que é mediante o uso da linguagem que o sujeito revela suas concepções e regula sua força dentro de uma relação social.

Para finalizar, reconhecemos que os limites desta análise não se esgotam neste trabalho, visto que o recorte apresentado pode se prestar à observação de outros aspectos da Análise da Conversação, além de outras abordagens teóricas que contemplem a linguagem como objeto de análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIONÍSIO, A. P. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 2. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DURANTI, A. *Antropología Lingüística*. Cambridge: University Press, 2000.

GARCEZ, P. M.; LODER, L. L. Reparo iniciado e levado a cabo pelo outro na conversa cotidiana em português do Brasil. *DELTA* v. 21 n. 2 São Paulo jul./dez. 2005. p. 279-312. Disponível em:

⁵ Técnica I – O falante corrente escolhe o próximo falante, e este toma a palavra iniciando o próximo turno; Técnica II – O falante corrente para e o próximo falante obtém o turno pela autoescolha (MARCUSCHI, 1986, p. 20).

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 02/01/2017.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUESSER, A. H. A Etnometodologia e a análise da conversação e da fala. *Revista Em Tese*. Ago-Dez 2003, vol. 1, n. 1, p. 149-168. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13686/12546> Acesso em 03/01/2017.

HERITAGE, J. C. Etnometodologia. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. *Teoria social hoje*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

LAPLANTINE, F. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LIMA, T. D.; DEUS, L. N. A crise de 2008 e seus efeitos na economia brasileira. *Revista Cadernos de Economia*, Chapecó, v. 17, n. 32, p. 52-65, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rce/article/view/1651/922> Acesso em: 25/06/2016. Acesso em: 03/01/2017.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATEUS, S. A Etnografia da Comunicação. *Revista Antropológicas*. n. 13., p. 83-88, 2015. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/view/2341/5114> Acesso em: 05/01/2017.

MELLO, L. G. *Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas*. Petrópolis: Vozes, 1987.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. 1974. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.9-73, jan./dez. 2003. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo14.pdf> Acesso em: 05/01/2017.

SAUSSURE, F. 1916. *Curso de Linguística Geral*. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> Acesso em 06/01/2017.

Vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=AamkdRR9c-8> Acesso em: 02/01/2017.

Recebido em 09/08/2017

Aceito em 17/10/2017

Publicado em 19/12/2017